

Adroaldo defende conversão só para dívida não vencida

A conversão da dívida em investimentos de risco não é a solução para todos os problemas criados pelo grande endividamento externo, e o que é pior, ainda traz muitas desvantagens como uma possível expansão monetária. O alerta é do vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, única autoridade do Governo presente ao seminário "Conversão de Dívida", patrocinado pela Câmara de Comércio Americana, seção Rio de Janeiro.

O discurso de Adroaldo Moura foi uma verdadeira "ducha de água fria" nos empresários que esperavam alguma notícia oficial sobre quando será divulgado o projeto de conversão de dívida, que está sendo preparado pelo Banco Central. Segundo ele, a conversão só deveria ser feita na parcela da dívida que o Governo pretende refinanciar nos próximos três anos, de acordo com a proposta apresentada recentemente aos credores externos pelo ministro Bresser: cerca de US\$ 10,5 bilhões, dos quais, na sua opinião, cerca de US\$ 2 a 3 bilhões poderiam ser convertidos por ano.

Como estes juros ainda estão por vencer, o impacto monetário seria bem menor do que uma conversão irrestrita em todos os créditos de bancos credores brasileiros. "Não há nenhum milagre com a conversão", insistiu Adroaldo de Moura. No máximo, segundo ele, este instrumento seria apenas "um creme de *chantilly* na renegociação da dívida externa".

Muito cético, o vice-presidente de operações internacionais do BB advertiu que a conversão de dívida traz muitas desvantagens, que não devem ser esquecidas. Para evitar estes efeitos, Adroaldo Moura diz que o Governo não teria outro caminho para evitar o impacto na expansão da base monetária do que aumentar as taxas de juros, aumentar a tributação ou então cortar ainda mais os gastos públicos.

Se a conversão poderá resolver alguns problemas mais imediatos de empresas nacionais à procura de fontes de financiamento de médio e longo prazo e de bancos credores querendo trocar dívida por investimentos, o diretor do BB advertiu que este instrumento não resolve o problema macroeconômico do endividamento externo. "É preciso não ter ilusões. A conversão não cria poupança".